

Bancos pedem mais sacrifícios das nações ricas

WASHINGTON — Compete às nações ricas, e não aos bancos, assumir maior ônus no alívio da crise global de endividamento externo dos países do Terceiro Mundo. Essa avaliação é do Instituto de Finanças Internacionais (IFI), um grupo de pesquisas fundado em 1983 e financiado por bancos privados de 38 países, que divulgou seu estudo ontem na capital americana.

O IFI encaminhou suas conclusões aos Comitês Interno e de Desenvolvimento do Banco Mundial (Bird) e do Fundo Monetário Internacional (FMI). A entidade adverte que os bancos "não podem continuar indefinidamente como emprestadores de última instância" aos países em de-

seenvolvimento responsáveis por um débito externo de US\$ 1,1 trilhão.

O estudo divulgado ontem — a uma semana do início das reuniões anuais do Bird e do FMI — responde às críticas aos bancos comerciais feitas na semana passada pelo Banco Mundial. Em seu relatório anual, o Banco dissera que o fluxo de capital para a maioria das nações endividadas "continua desapontador", principalmente porque a ajuda do FMI e do Banco Mundial "não se tem feito acompanhar de novo e significativo financiamento dos bancos comerciais".

O Relatório Anual do FMI, também divulgado na semana passada, afirma que os empréstimos comerciais líquidos a todos os países em

desenvolvimento caíram de US\$ 87 bilhões em 1981 para US\$ 19 bilhões em 1985 e US\$ 10 bilhões no ano passado.

O IFI, no entanto, afirma que a maioria dos empréstimos que estão sendo discutidos com as nações devedoras, atualmente, não se destinam ao desenvolvimento, mas a refinar dívidas antigas. O estudo sustenta que os países pobres devem sair de suas dificuldades através de um crescimento que lhes permita pagar suas dívidas, afirmando, também, que as nações ricas devem acelerar suas próprias economias de modo a importar uma quantidade maior de bens produzidos pelos países em desenvolvimento.